

ENTREVISTA

UMA HISTÓRIA DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE DISSIDENTE NA ÁFRICA AUSTRAL:

ENTREVISTA COM O PROFESSOR MARC EPPRECHT¹

FRANCISCO MIGUEL

Pós-doutorando FAPESP na Queen's University / Unicamp.²
ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0003-1173-9727>

MARC EPPRECHT

Professor na Queen's University.
ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0003-3497-9395>

Recebido em: 27/03/2023

Aprovado em: 01/05/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p543-571>



¹ Entrevista realizada no dia 27 de janeiro de 2023, na Queen's University, Canadá.

² Processo n° 2021/10298-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

O professor Dr. Marc Epprecht é hoje o mais prestigiado historiador em atuação no campo dos estudos de gênero e sexualidade dissidentes em África,³ uma área que tem interessado cada vez mais pesquisadores no Brasil e no mundo.⁴ Seus trabalhos têm orientado e servido de inspiração a gerações de estudiosos, dentro e fora da historiografia. Além disso, eles lhe renderam algumas premiações nacionais e internacionais importantes: junto com a equipe editorial foi contemplado com a medalha Dartmouth de mais ilustre trabalho de referência pela monumental Enciclopédia Global de História Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênera e Queer (Chiang 2019); recebeu o Desmond Tutu Award, por suas enormes contribuições ao estudos do gênero e sexualidade em África; pelo livro *Hungochani* (2004), foi premiado com o Joel Gregory Prize de melhor livro publicado sobre África por um canadense ou africano baseado no Canadá; Também foi finalista no Mel Herskovits Prize, na categoria melhor livro sobre África, com *Heterosexual Africa?* (Epprecht, 2008). Nesta entrevista exclusiva, conversamos sobre suas pioneiras pesquisas de campo na África Austral, questões contemporâneas sobre métodos e teorias historiográficas, e sua trajetória pessoal e intelectual tortuosa entre os mitos familiares e o mundo como ele de fato foi e é.

Francisco: Marc, obrigado por me receber hoje e me conceder essa entrevista. Minha primeira questão é: Como você se interessou em ser historiador (quem ou o que lhe inspirou)? E depois, como você se interessou por estudar história africana e particularmente a história das mulheres no Lesoto?

³ Epprecht nasceu em 1957 no sul de Ontário, Canadá. Ele completou seu bacharelado em História e Ciência Política na Universidade de York, em Toronto, em 1981. Mais tarde, ele cursou um mestrado em História na mesma universidade. Já interessado em questões africanas, Epprecht desenvolveu pesquisa sobre o papel dos Estados Unidos na descolonização da África britânica. Dez anos depois, ele completou seu doutorado, também em História, mas agora na Universidade de Dalhousie, em Halifax. O tema de sua tese é "Mulheres, Classe, e Política no Lesoto Colonial", tendo abarcado o período de 1930 a 1965 (Epprecht 1992). Desde então, o professor Epprecht coleciona um currículo respeitável. Antes de se estabelecer em Kingston na virada do milênio, o eminente professor Epprecht lecionou em algumas instituições de ensino sul-africanas e canadenses. Desde 2000, ele é professor do Departamento de Estudos de Desenvolvimento Global da Queen's University, integrando também os programas de História, Estudos Culturais, e o da Escola de Estudos Ambientais. Ele também participou como examinador em muitas bancas de mestrado e doutorado na América do Norte, Europa e África. Epprecht tem orientado brilhantes estudantes de graduação e pós-graduação, e supervisionado alguns pós-doutorandos como Aminata Cécile Mbaye e eu.

⁴ Ver Miguel & Mugabe, 2021.

Marc: Primeiro, obrigado por perguntar, tem sido ótimo te ter aqui em Kingston neste ano. Para responder sua questão, eu tenho que voltar antes da minha formação acadêmica, se você não se importar. Eu diria que minha mãe foi a minha principal inspiração, tanto positiva como negativamente. Ela sempre foi interessada em história e sempre me encorajou a ler. Mas era – olhando retrospectivamente – uma história muito enviesada, sabe? Era a história dos grandes homens e as conquistas dos povos “inferiores”. O lar em que eu cresci era um guisado completo de homofobia, sexismo e racismo. Então eu acho que minha mãe queria que eu fosse historiador para que eu pudesse mostrar que aquilo tudo que ela acreditava era verdade. Mas havia certos aspectos do nosso lar que criavam fissuras nessas ideias. Minha mãe era uma mulher muito forte, um tipo de feminista, [apesar] de ela nunca ter se reconhecido como tal. E também havia uma questão de classe que não se encaixava muito bem, porque minha mãe, irlandesa, veio da classe trabalhadora, e havia uma raiva sobre certas pessoas que estavam bloqueando suas aspirações de se tornar classe média. Então havia alguns buracos na [suposta] unidade ideológica dos meus pais, que me fez aberto a questionar coisas a longo prazo.

De qualquer forma, eu era uma criança. [Esses questionamentos] não me ocorreram até eu chegar na universidade, e mais ainda, até começar a viajar. Não eram viagens de turismo, mas como esportista. Eu fui ginasta por dez anos, campeão nacional, nível olímpico. Então eu tinha que viajar para todos os tipos de lugares, o que ia abrindo meus olhos para as fissuras que havia nessa ideologia conservadora. Por exemplo, nós fomos muito para o Leste Europeu. Aqueles eram os dias da Guerra Fria, e era quando diziam que o comunismo é o bicho-papão e tudo de ruim, né? Então eu chegava nesses lugares e pensava... “Como assim? Esta cidade é bonita, essas são pessoas muito bacanas...” [risadas], enfim, elas não se encaixavam nas ideias que eu havia sido ensinado. Uma coisa muito importante para mim aconteceu por volta de [19]77 quando nosso time foi para Cuba. Por essa época, eu estava, eu acho, no terceiro ano da universidade. Um professor muito bom nos perguntou “Pessoal, o que vocês fizeram no recesso?” Eu disse, “Eu fui para Cuba.” E comecei a listar todas as coisas ruins: casas quebradas, carros quebrados, ruas sujas, pessoas negras empobrecidas. Havia prostitutas – que

teoricamente não deveriam existir, mas eu as vi com meus próprios olhos. Quando eu terminei minha fala, uma colega disse “Eu também fui a Cuba.” E aí ela começou a descrever todas as coisas boas que ela tinha visto, tipo saúde pública, casas subsidiadas, negros em postos profissionais... E eu fiquei... “Espere um segundo, nós fomos para o mesmo lugar ao mesmo tempo.” Aquilo explodiu minha cabeça, de verdade...

Quantos anos você tinha?

Marc: Isso devia ser com uns dezenove ou vinte [anos], começando a entender o mundo.

E como surge seu interesse por África?

A emergência do meu interesse por África tem a ver também com o currículo do ensino médio canadense. Nós não aprendíamos nada sobre África, exceto o deserto do Saara, e era isso. Mas na minha família, nós ouvíamos histórias sobre a África, principalmente sobre [a Revolta dos] Mau Mau ou das “partes boas”, o que [para eles] significava África do Sul e Rodésia. Mas o resto, as partes governadas pelos negros, sabe, [para eles] era um desastre. E aí eu lembro muito bem de um episódio – isso era em um voo para alguma competição de ginástica. Eu estava caminhando no corredor do avião e vi na capa do jornal que alguém estava lendo “Soweto, a revolta”. Tratava-se das primeiras notícias dizendo algo sobre 600 crianças mortas. Nessa altura, eu pensava que os brancos eram supostamente as pessoas boas, né? E lá estava a polícia atirando em crianças de escola. Então isso me acendeu um alerta. A África do Sul estava cada vez mais no noticiário no final dos anos [19]70, assim como a guerra no Zimbábue. Eu comecei a ouvir Bob Marley. Eu li Noam Chomsky e, por volta daquela época, Frantz Fanon. Todas essas camadas estavam surgindo diante dos meus olhos. E eu comecei a entender que tudo o que eu tinha sido ensinado era basicamente bobagem [*bullshit*]. “Se eu vou ser historiador” – o que eu já pensava que seria uma maneira muito bacana de conhecer o mundo – “eu tenho que cavar mais fundo do que essa propaganda superficial que nós canadenses somos alimentados.” Então foram essas coisas que me inspiraram.

E como você chega, academicamente, ao continente africano?

Marc: Para meu mestrado, eu não fiz um estudo sobre a África em si, mas sobre o colonialismo em África, e encontrei algo que me surpreendeu. Eu descobri que os americanos na década de 1950, com aquela paranoia de Guerra Fria e racismo, estavam pressionando os britânicos para, na verdade, frear a descolonização. E eu pensei que se eu queria desvendar isso, esse segredo sobre o que é o suposto Mundo Livre e o imperialismo, a África seria um lugar ótimo para ir. Mas como chegar lá? Porque eu não tinha dinheiro nenhum. Eu não queria voltar para uma carreira acadêmica porque eu estava um pouco exausto. Eu pensei que eu poderia tentar algo no “mundo real”, um trabalho. Enquanto isso, para meu primeiro ativismo político consciente, eu me ofereci como voluntário no que foi chamado de Comitê de Toronto para a Libertação da África Austral. Talvez os leitores conheçam John Saul, ele foi um dos grandes agitadores entre os acadêmicos tentando mudar a política canadense, que era à época, na melhor das hipóteses, ambígua. Nós buscávamos expor o que estava realmente acontecendo na região⁵ e tentando colocar isso no noticiário, para forçar o governo canadense a tomar uma posição mais incisiva. Eu estava envolvido nisso, e fiquei particularmente animado quando o Zimbábue finalmente conquistou sua independência. Eu fui atraído pela ideia de que o país tinha tido tempo de aprender com os erros dos outros países africanos. E o discurso era, “nós vamos fazer isso certo dessa vez.” E por “certo”, eles usavam a linguagem do “socialismo científico” e “reconciliação”, ideias que eram atraentes para mim.

Mas sim, eu não tinha meios de chegar lá. Bem, em [19]83, o governo canadense lançou um programa de apoio ao Zimbábue para ajudar a expandir e democratizar o sistema de ensino secundário. Antigamente, o sistema era muito elitista. Aos africanos era permitido ir até à educação primária, depois era como uma pirâmide. Havia africanos em nível universitário, mas uma fração muito, muito reduzida. O governo zimbabuano queria abrir aquilo e fornecer educação gratuita e de massa até à universidade. Eu queria fazer parte disso. Quando o governo canadense começou a enviar professores para lá, eu me inscrevi. Eu fui para o Zimbábue

⁵ Epprecht se refere à região da África Austral e seus regimes coloniais violentos e segregacionistas, como o de Ian Smith na Rodésia e o próprio apartheid sul-africano.

como um professor do ensino médio numa escola missionária, que costumava se chamar de *Tribal Trust Land*...

Ensinando inglês ou...

Marc: Mais história, o que era muito divertido, porque eles tinham uma esquizofrenia fascinante. No equivalente à décima classe, eles tinham um currículo bem marxista, ensinando tudo sobre a Revolução Chinesa, a Revolução Russa. E, claro, a “Revolução” do Zimbábue. Todo esse “avanço da história em direção ao inevitável triunfo do povo”. Eu gostava, era divertido ensinar. Mas na décima segunda classe, você tem agora que performar para os olhos do mundo. O Zimbábue então manteve o velho sistema de Cambridge. Então eles vinham nessa formação revolucionária para desembocar no estilo colonial. Isso significava aprender sobre o assassinato do Arquiduque Ferdinand e a Segunda Guerra Mundial, e o Congresso de Vienna, e todo esse tipo de coisa.

Como balancear isso e todas as outras contradições que estavam no Zimbábue na década de 1980? Uma época muito otimista, aliás, pelo menos onde eu estava em Maxonalândia. Eu queria acreditar que estávamos construindo o socialismo. Era um trabalho duro, sério, e havia resultados no final das contas: crianças que nunca haviam tido oportunidade de ir à escola antes, agora iam, sabe? Enquanto isso, a uns 100 km de distância – mas nunca reportado pela mídia – havia massacres terríveis acontecendo. Havia uma guerra étnica que estava se desdobrando em Matabelelândia, que a gente não ouvia falar nada sobre, até que ligássemos na BBC. Eu comecei a pensar “Como isso pode ser verdade? Este mesmo governo que está apoiando educação gratuita de massa está perpetuando barbarismo contra o próprio povo?” E então, depois do fim de três anos, eu realmente pensei que eu precisava voltar para a universidade para entender aquilo que eu havia feito nos últimos três anos, para realmente obter um quadro melhor do que o “desenvolvimento” significava. “O que é o pós-colonialismo?” “Como essa governação pode existir no mundo de hoje?” Essas questões me fizeram querer voltar para fazer meu doutorado.

E quando o Lesoto entra na história?

Marc: Então, para complicar as coisas, eu havia acabado de formar [minha] família e era pai de duas meninas. O Zimbábue não era o lugar adequado em vários sentidos, também porque eu tinha esse intuito de não estar na capital para fazer pesquisa, mas de sair para as aldeias e fazer dessa forma, quase como um antropólogo. Mas tinha risco de malária e todas essas doenças para as crianças. Eu pensei, “talvez nós podemos encontrar um lugar onde eu possa fazer o mesmo tipo de projeto, mas que tenha um clima mais saudável”. E aconteceu que o Canadá tinha um outro projeto no Lesoto. O Lesoto era um lugar fascinante – como eu rapidamente descobri – que não tinha malária.

Por ser um rapaz jovem, e um jovem pai, eu tinha muito interesse em questões de gênero. E vindo de uma família, você sabe, de valores sociais muito conservadores, eu era muito interessado em mudar as coisas na minha própria família. Então gênero, e masculinidade em especial, era uma questão para mim mesmo antes de ir ao Lesoto. Quando você lê sobre o Lesoto, a primeira coisa que você entende é que o sistema de trabalho migrante masculino era disseminado. Isso me fez questionar como isso impactaria nas famílias. Porque isso é uma espécie de lacuna na historiografia, que muitas vezes fala sobre o lugar como se as disparidades extremas de gênero não importassem tanto. Bem, estou exagerando aí, mas as perspectivas e ações das mulheres são subestimadas, né? E a masculinidade era tomada de barato. Na época que eu identifiquei o Lesoto como um lugar para ir, eu quis entender o impacto do sistema de trabalho migrante, genericamente falando, e seus muitos efeitos cascata, inclusive ambientais; e como as pessoas no Lesoto resistiram a alguns desses planos que os britânicos e os missionários fizeram para eles, e quais eram os impactos dessas resistências ou colaborações – o que quer que fossem. E esse conhecimento sobre *lá* poderia ser útil na luta para libertar a África do Sul e, de alguma forma, outras lutas *aqui*. Claro que, no final, eu rejeitei essas dicotomias, mas essa foi a motivação.

Seu livro sobre a história das mulheres no Lesoto (Epprecht 2000) nos traz algumas questões muito interessantes. Uma delas tem a ver com a agência feminina indígena em face tanto do poder colonial europeu

quanto do patriarcado africano. Você demonstrou que o 'feminismo colonial' tinha claros limites. Então, ainda que existisse a retórica de uma missão colonial para salvar as mulheres africanas dos abusos baseados na lei consuetudinária e que pregava igualdade entre homens e mulheres (por razões, fundamentalmente, de exploração econômica e puro racismo), os colonos, de diferentes origens e em diferentes épocas, geralmente concordavam com a ideia da subordinação da mulher. O que eu acho interessante é que em dado momento, você nos conta algumas histórias de mulheres indígenas que, para se autonomizarem de certas situações que elas consideravam abusivas, elas bricolavam interpretações do direito romano-holandês com o direito consuetudinário nas cortes coloniais. E, anos mais tarde, através de associações voluntárias de mulheres cristãs, elas também pareciam articular algumas práticas de ajuda mútua advindas de suas religiões tradicionais. Essas histórias chamam a minha atenção porque parecem complicar não apenas o discurso supremacista colonial (o fardo do homem branco e o feminismo ocidental) mas também as atuais reivindicações nativistas e decoloniais que potencialmente interpretariam o desejo dessas mulheres de habitar a norma e a religião coloniais como um exercício de falsa consciência. O que parece rico para mim é a complexidade humana, presente em todos nós, em diferentes culturas e épocas: Nós, mesmo em diferentes posições de poder, como sujeitos históricos, estamos sempre no dilema entre subverter as normas que nos parecem nocivas e a segurança e o prazer que habitar certas normas podem nos garantir. Você mencionou o marxismo e o feminismo, mas gostaria de saber como você descreveria sua abordagem analítica para entender os sentimentos e estratégias dessas mulheres?

Marc: A abordagem analítica que me atraía quando eu comecei no início da minha carreira era o marxismo bastante tradicional. Há algumas ferramentas pedagógicas muito poderosas que ajudam você a entender as coisas. E a ideia de falsa consciência era atraente para mim porque explicava certas coisas como os meus próprios pais. "Como vocês podem ter todas essas contradições em vocês ao mesmo tempo?" Mas uma vez que eu cheguei no Lesoto, eu comecei a perceber que era uma maneira muito paternalista de olhar as

peças. Aliás, talvez não sejam os próprios marxistas aqueles com falsa consciência? [risadas] Sim, porque isso os faz parecerem bons, tipo como se eles pudessem enxergar tudo. Mas, concluo que sim, em alguns aspectos, existe uma falsa consciência. Existe todo tipo de propaganda e *fake news*, e gente pilantra por aí, que pode de fato ser persuasiva. Mas se as pessoas estão batalhando para colocar comida na mesa, eu penso que elas perceberão essa pilantragem muito mais rápido do que as pessoas que estão sentadas à mesa com seus estômagos cheios. O que, aliás, é um insight marxista perfeito. Eu acho que o que tirei de toda a experiência foi que precisamos realmente ser cuidadosos sobre fazer esses tipos de julgamentos. E eu vou admitir isso, eu provavelmente não fui suficientemente cuidadoso e talvez continue não sendo. Porque é muito tentador querer julgar as pessoas [risadas]. Eu acho que é uma característica humana...

Acontece que, às vezes, você quer compensar por esse julgamento [sobre falsa consciência], então você romantiza. Em última análise, de alguma forma, você tem que encontrar um equilíbrio e a única maneira de fazer isso é ouvir as pessoas da melhor forma possível; e, em seguida, triangular com outras fontes de informação para descobrir como separar o joio do trigo. Novamente, isso pode soar meio hierárquico no pensamento, mas há níveis de consciência que estão mais sintonizados do que outros com o que está acontecendo em um tipo observável de economia política, né? Então por isso, tente entender da maneira mais paciente e justa que você puder. Isso, para mim, é realmente o que deve ser buscado.

No meio desse seu livro, você nos apresenta uma personagem histórica fascinante. Estou falando de 'Mantšebo Amelia 'Matšaba, uma das poucas mulheres a chegar à chefatura local, e quem na verdade se tornou a primeira Chefe Suprema regente nas últimas décadas da era colonial no Lesoto. De acordo com o que você nos traz, ela seria ousada, inteligente e crítica das políticas coloniais. Em uma passagem, você mencionou a insistência dela em manter uma correspondência por escrito entre ela e o Comissário Residente⁶, algo que, aliás, o teria irritado, uma vez que ele

⁶ O Comissário Residente era um agente britânico enviado para exercer a autoridade colonial.

interpretou a exigência da correspondência escrita como um ato dela de desconfiança. De alguma forma, é também através da produção desses documentos escritos por ela e pelos chefes homens que a elegeram e a apoiavam – e que chegam a você décadas mais tarde – que é mais fácil contar a história dela de uma forma mais independente do que seria a narrativa colonial (que, à época, a leu como uma pessoa corrupta, estúpida etc.) Depois das atuais críticas decoloniais, quais seriam as potencialidades e os limites tanto dos arquivos coloniais quanto da memória oral?

Marc: Certo. Há provavelmente uns quatro livros com a tua pergunta [risadas]. As diferentes fontes nos trazem coisas diferentes. Vamos começar com os arquivos coloniais, porque eles são uma espécie de alvo fácil hoje em dia. Há todos os tipos de problemas: Há um milhão de hierarquias diferentes, pontos cegos e suposições incorporadas ao que foi coletado, como foi coletado, as decisões que as pessoas tomaram, o que deveríamos manter que seja importante, e o que não. Uma das coisas que aprendi muito cedo sobre isso é que as pessoas que criaram o arquivo colonial no Lesoto não estavam interessadas nas mulheres. Em geral, para encontrar documentos relativos às mulheres, você tem que olhar em lugares fora do comum. Porque houve certas épocas e lugares onde as mulheres Basotos se tornaram um problema do ponto de vista do Estado, e então foi aí que elas foram inseridas nos arquivos e se tornaram visíveis para nós historiadores muitos anos mais tarde. Mas [mesmo assim] é terrivelmente enviesado. Por exemplo, tradicionalmente o gado pertencia ao homem, que compartilhava o recurso com a sua família. Quando a pobreza cresceu no início do século XX, as mulheres frequentemente tiveram que procurar um jeito de alimentar a si e aos seus filhos. Muitas começaram a criar porcos em pequena escala. Daí você pensa que isso poderia ser uma boa história de sobrevivência econômica, engenhosidade, adaptabilidade, potencialidade. Bem, nada sobre isso aparece nos arquivos coloniais até que alguma autoridade colonial descobriu que os porcos estavam infectados e que deveriam ser destruídos em nome da saúde pública. Alguém perguntou às mulheres? Se preocuparam com as consequências? Registraram os detalhes? Nada.

Então muito do que vem sendo dito sobre os arquivos coloniais é verdadeiro. Mas por outro lado, os arquivos fornecem um tipo de registro – datas, nomes, discussões confidenciais. Esses dados te dão uma janela para as coisas que eram segredo à época para todos (exceto para um pequeno grupo de pessoas poderosas). Estou pensando em como você poderia ter um memorando oficial datilografado, mas os funcionários escreveriam à mão nas laterais [desses documentos] e fariam comentários muito reveladores, muitas vezes discordando da política declarada publicamente. “Ah, ok, então é isso que o governador realmente pensa sobre aquela pessoa”, esse tipo de coisa. Os documentos então expõem os tomadores de decisão de formas que, em suas faces públicas, nunca apareceriam. Fontes orais podem ajudar a balancear, mas você precisa saber o que perguntar, o que procurar.

Você precisa olhar para todas essas coisas, tendo em mente que a história oral, as tradições orais, [também] podem ser extremamente problemáticas, de formas distintas. As pessoas esquecem, às vezes de propósito, inventam coisas para te agradar, têm objetivos inconfessáveis, vagam entre fugas ao tema e autocontradições. Há também similaridades com o arquivo colonial: Quem decide que histórias valem a pena lembrar e serem passadas adiante? Muito frequentemente, é o sênior [*big man*]; enquanto os juniores, e os meninos e meninas, e as mulheres desaparecem da memória muito rapidamente. Outra coisa: se você quer reconstruir a história antes do colonialismo, isso foi há muito tempo atrás, certo? As pessoas transmitiram esse conhecimento de alguma forma disciplinada? Algumas vezes, talvez sim, mas geralmente não depois de algumas gerações [risadas].

E eu tive uma experiência pessoal de tentar fazer uma entrevista com um curandeiro tradicional e fazer perguntas, e aí eu percebi que do nada [a história] começou a soar muito familiar. Então eu me dei conta que na verdade o que ele estava fazendo era me citando, de um outro estudo que eu tinha feito para a GALZ (*Gays and Lesbians of Zimbabwe*). Foi uma experiência estranha, desorientadora, né? Você provavelmente já se deparou com o fenômeno, às vezes chamado de “feedback paraliterado” [risadas]. Pessoas que não são formadas academicamente, mas elas pegam esses estudos, meio que os infiltram no discurso público de uma forma distorcida, e

pegam isso e depois devolvem ao pesquisador. E o pesquisador diz “Aha! Isso é história oral.” [Mas] de fato não é. A mesma coisa com a imprensa popular, você tem que perguntar “quem está publicando isso?” “Quem é o dono?” “Quem está ganhando dinheiro com esse editorial em particular ou com o uso desse sinônimo?” Então tudo tem que ser olhado com um olhar de águia, para os possíveis fatos que podem distorcer sutilmente a história ou criar buracos na memória. Só agradeço aos deuses por não ter que navegar pelas redes sociais.

E, sabe, em um caso como o do Lesoto, que começou com grupos de refugiados que basicamente se reuniram nas décadas de 1820 e 30, as coisas que são apresentadas como “tradicionais” eram de fato relativamente novas historicamente ou inventadas. Quando os britânicos chegam, todos esses diferentes povos, em diferentes línguas, estavam ainda construindo suas emergentes identidades. Os britânicos, nesse caso, não estavam atrás de terras, mas queriam “proteger” os Basotos de outros colonos, e queriam fazer isso de forma barata pelo que chamavam de “governo indireto”. Isso significava que eles tinham que encontrar (ou inventar) as tradições “corretas”, o que significava ser útil para eles [britânicos] e plausível para os Basotos. Então eles coletavam, através dos antropólogos, (frequentemente amadores, como os missionários), quais eram as “verdadeiras tradições”. E eu encontrei vários casos em que os britânicos diziam aos chefes, “esta é a sua verdadeira tradição”. E o chefe dizia: “Não, não”. E os britânicos diziam: “Não, está escrito aqui. Esta é a sua verdadeira tradição”. Enfim, o chefe pode concordar com isso ou trabalhar em silêncio. E, como mostro no livro, essa era uma maneira muito comum de as mulheres driblarem as autoridades. Essas coisas estão em fluxo e são negociadas, e isso faz parte da diversão de ser um historiador.

Você disse algo que me lembrou uma situação que vivi recentemente. Estava em um congresso e havia uma pesquisadora apresentando seu trabalho. Um dos métodos de pesquisa dela era registrar a forma como as pessoas que ela entrevistava entendiam homossexualidade. De acordo com a pesquisadora, existia uma palavra específica na língua nativa, que essa palavra era fluída e que sempre esteve em transformação. Então os interlocutores dela não gostavam de usar essa palavra e nem ficar falando

ela em público. E eu perguntei a ela, de uma forma um pouco provocativa, o que ela achava de registrar e fixar essa palavra na escrita. Se era uma categoria tão oral, e considerada por eles mesmos tão fluída, perguntei a ela como ela se sentia ao tentar torná-la de alguma forma fixa, como na língua escrita. Eu gostaria de te perguntar se essa obsessão com o registro é uma ansiedade ocidental. Essa ansiedade de “Vamos coletar tudo. Vamos registrar tudo, vamos ter tudo guardado e fixo na forma escrita”.

Marc: Bem, eu acho que há um problema se você tem a presunção de que, porque está escrito, é verdade e está fixo. Sim, é obviamente uma ilusão. Você precisa de uma nota de rodapé para dizer que isso é o que significava nessa época, nesse contexto, e que a mesma pessoa poderia usar a mesma palavra para uma outra pessoa de uma forma diferente, com um sentido diferente. Se você diz isso, eu não vejo problema no registro. Contanto que você tenha certeza de que este é um termo que pode ser negociado. Mas ainda é útil registrar as coisas, porque assim você consegue ter uma noção dos fatores que sustentam o fluxo dos acontecimentos. Porque eu posso te dizer como ex-chefe de departamento, se você não escreve as coisas, elas são esquecidas muito, muito rapidamente. E então outras pessoas vem até você e dizem “Ah, bem, já que você esqueceu, eu vou te explicar [com a minha própria interpretação] o que era.” Certo? É melhor, então, ter alguma coisa escrita, [mesmo] com toda a sua ambiguidade. E então você pode dizer, “Okay. Isso estava escrito em 1890. Então você não pode me dizer que isso foi inventado em 1980”, que é exatamente o que aconteceu no caso da “homossexualidade” no Zimbábue. Alguém alegou que essa palavra “*hungochani*” [homossexual] foi inventada pelos brancos para desacreditar da independência africana, como se isso fizesse algum sentido. Mas então eu encontrei essa palavra sendo usada por africanos em um documento de um século atrás. Nesse sentido, o arquivo colonial, por todos os seus vieses, pontos cegos e pelo fato de ter feito parte de um sistema opressor, não deixa de fornecer evidências que contrariam novas mentiras que estão sendo criadas no presente para outra agenda, que pode ser em alguns casos, até mais agressiva do que antes. E há de fato casos em que a nova hegemonia é pior do que a anterior.

Nas conclusões do seu livro sobre as mulheres Basotos, você afirmou que “gênero era um princípio central de organização na economia política, que mudava ao longo do tempo” (Epprecht 2000, 212). Certas abordagens afrocentristas têm questionado o uso do “gênero” como uma categoria analítica em contextos africanos e afirmando que a identidade “mulher” seria uma invenção ocidental. No entanto, a abordagem 'interseccional', apesar de se concentrar principalmente na raça e na classe, não abandonou a categoria “gênero” na análise das desigualdades sociais. Onde você se encaixa nessa tensão?

Marc: Eu não sei como é no Brasil, mas na América do Norte existe um mercado para ideias. E se você quiser participar, você tem que lançar algo que vá vender. Literalmente, vai vender livros, e você vai ter seu nome, vai conseguir um bom emprego, vai entrar “no circuito”. Portanto, há um incentivo para ser provocativo em suas declarações, como “as mulheres nunca existiram na África” ou o “gênero não existiu, essas foram uma imposição da ideia colonialista ocidental do século XIX”. Agora, há um grão de verdade nisso, mas está tão distante da realidade observável, inclusive dos africanos que viveram naquela época e registraram suas opiniões sobre a posição das mulheres no mundo. Sim, porque não foram apenas os europeus que se manifestaram sobre isso. Então você pode divulgar essas ideias, chamará atenção, conseguirá um bom emprego e outras pessoas o citarão. Não sei se isso é sustentável, porém, por muitas razões, incluindo o fato de que os próprios africanos estão pulando fora e dizendo “Isso é descartável. Olhe em nossos aforismos e parábolas. Por que teríamos uma palavra para mulheres se as mulheres não existissem?”

Um dos argumentos contra a existência do “gênero” em tempos pré-coloniais repousa sobre os pronomes – não há pronomes flexionados em gênero em muitas línguas africanas. Bem, há três em alemão, isso significa que as pessoas trans e intersexuais são tratadas, na vida social concreta, de forma equivalente a pessoas cisgênero? Não, a coisa do pronome é uma enganação completa. Os Shona têm algo como treze pronomes, treze classes de ser. Enfim... Mas a ideia de interseccionalidade, não tenho nenhum problema com ela. Significa apenas que você está olhando para todos os diferentes fatores

que estão em jogo e que podem mudar com o tempo, incluindo o mercado capitalista de ideias provocativas [risadas]. Essa pessoa em particular de quem estamos falando pode ter questões interseccionais que não podemos saber. Ela teve que desempenhar esse papel de defensora desta tese por décadas, talvez ela esteja cansada disso, ela queira sair, mas ela está presa. Então, talvez isso seja parte de sua interseccionalidade, de quem ela é, onde ela está e a maneira como suas ideias podem ter sido captadas e talvez exageradas.

É claro que a ideia de que o gênero não existia antes do colonialismo é como a ideia de que a homossexualidade também não existia. Os carros não existiam antes. Etecetera, etecetera. Mas os veículos estavam lá e os conceitos estavam lá. Então, eles foram expressos e explicados de diferentes maneiras, no contexto do paradigma em que as pessoas viviam. Então, se você pode entender isso, pode tentar entender como chegamos de lá para cá. E aqui onde estamos, hoje, está claro que gênero é extremamente importante e tem sido por muito tempo. Por isso precisamos falar sobre isso e discutir formas de mitigar os malefícios que advêm das configurações atuais. Dar aos colonialistas todo o crédito ou culpa certamente não ajuda.

Gostei da sua inclusão do mercado acadêmico como uma das variáveis na análise interseccional...

Marc: É uma variável importante. Nós, acadêmicos, gostamos de pensar que nossas ideias flutuam por aí, magicamente. Não, não flutuam. Observo que o mercado é muito mais brutal nos EUA do que aqui no Canadá. Aqui, a maioria de nós nas universidades públicas está sindicalizada, temos uma relativa segurança no emprego. Nos Estados Unidos, nem tanto. Você tem uma situação quase darwiniana [lá], e a pressão é sair por aí no Twitter e no TikTok. Isso gera uma lógica própria do que as pessoas publicam. Portanto, não é apenas o brilho de nossas ideias. Além disso, muitas dessas editoras agora estão no mercado de forma bastante nua e implacável pelo dinheiro. Elas não são mais como antigamente... Não quero ser romântico sobre isso, mas algumas das editoras tinham o compromisso com a produção de conhecimento livre da influência do rentismo. Elas tinham um senso de missão, mas isso não existe em muitas dessas grandes empresas agora. É

obter lucro de qualquer forma. Certas narrativas sobre a África vendem melhor do que outras no mercado americano, algo que tentei levar em consideração ao abordar questões que contornam a controvérsia.

Ainda no livro sobre a história das mulheres no Lesoto, você brevemente menciona a questão dos casamentos entre homens nas minas sul-africanas, algo que viria a se tornar um tema recorrente em muitos dos seus trabalhos posteriores (Epprecht 2004; 2022; 2010; 2001; 2008; 1998; Edwards and Epprecht 2020). Que razões pessoais, intelectuais e políticas levaram você não somente a migrar para a questão *queer* em África, mas também em fazer o Zimbábue seu estudo de caso?

Marc: Bem, quanto ao Zimbábue, é fácil, porque era onde eu estava na época em que toda a controvérsia estourou. Depois do meu doutorado, tive a sorte de a Universidade do Zimbábue estar procurando alguém para ministrar vários cursos que eu poderia dar, incluindo mulheres e gênero, África Austral colonial, América do Norte, historiografia. Eles me contrataram. Cerca de um mês depois de eu ter chegado, [o presidente do país] Robert Mugabe começou esses grandes discursos denunciando [a homossexualidade]. Parecia uma coisa muito simples para mim: começar uma nova pesquisa em meu novo/antigo lar. “Oh, aqui está um projeto legal e fácil. Aqui está o presidente fazendo esses comentários que intuitivamente parecem ridículos e completamente divorciados da realidade”. Portanto, esse é um bom trabalho para os historiadores: testar a retórica política contra o que as evidências mostram. Pensei que levaria alguns meses [risadas]. E, você sabe, vinte anos depois, ainda estou fazendo isso, embora agora mais para apoiar talentos emergentes do Sul Global e, claro, da África em particular.

Então foi isso. Em termos do porquê... Quero dizer, achei que esse era um tópico importante, já que as coisas ditas implicavam e, às vezes, convocavam a violência. E meus colegas na Universidade do Zimbábue não estavam se posicionando, o que é compreensível até certo ponto, já que Mugabe chancelava o seu empregador. Meus colegas não eram homofóbicos, mas presumiam que “Ok, veja, nós somos um país pobre em desenvolvimento e não há gays e lésbicas aqui. Na verdade, há alguns, e a maioria é de brancos.

Se a violência está implícita, é pequena se comparada com aquela da Matabelelândia ou contra as mulheres”. Então é por isso que não era uma coisa importante para muitos estudiosos liberais, esquerdistas e feministas. Eu relutei em aceitar esse projeto no início pelo mesmo motivo, mas um amigo me incentivou a ser ousado. Por que não?

E por que era importante questionar esta narrativa em particular?

Marc: Boa pergunta. “Por que eu estava aberto a questionar essa narrativa de ‘não é uma prioridade’, já que não estava pessoalmente na principal população-alvo?” Bem, isso remonta também, eu acho, a antes da minha formação acadêmica. Não preciso entrar em muitos detalhes. Digamos apenas que a ginástica naquela época era comumente vista como um esporte “feminino” demais para meninos, e eu tinha que lidar com as pessoas assumindo coisas sobre mim que não se encaixavam no meu próprio senso de identidade. Em 1995, eu sentia que havia algo muito suspeito sobre esse binário masculino/feminino, “isso é o que um garoto faz e isso é o que uma garota faz.” E eu me peguei curioso sobre porque o presidente [do Zimbábue] estava falando e falando sobre isso. Porque ele fazia discurso após discurso após discurso [contra a homossexualidade]. Também tinha outra contradição: Perguntei a alguns contatos na zona rural: “O que vocês acham do [discurso] do presidente?” E eles não gostavam quando ele trazia o assunto daquela forma. Então, novamente, há uma grande contradição com o que você esperaria vindo do Ocidente – desse estereótipo dos políticos ocidentais homofóbicos estarem falando com suas bases rurais muito conservadoras; pessoas de mentalidade liberal estariam na cidade. Mas isso parecia ser exatamente o oposto [no Zimbábue]. As pessoas do campo diziam “não, não, não fale sobre isso. Nós sabemos que está lá. Só sentimos que o presidente está nos envergonhando, queremos que ele fique quieto”. Isso na zona rural. E na cidade, a burguesia, as pessoas que bajulam, adentram e sugam as estruturas políticas são as que faziam mais barulho [homofóbico]. Então eu pensei que, na verdade, isso poderia ser muito mais importante do que parecia à primeira vista. Mesmo quando comecei a pesquisa, me vi perguntando por que havia tão poucos zimbabuanos aparecendo nos registros documentais sobre o tema. Significava mesmo que eles são

exclusivamente heterossexuais? Não. É que a maioria dos zimbabuanos era o tipo de pessoa que trabalhava na terra, eles não iam para a indústria mineira em grandes números. Eram os trabalhadores migrantes que passavam do Malawi, da Zâmbia e de Moçambique, e muitas vezes a caminho da África do Sul, que eram apanhados na rede do que chamavam de justiça. Então você percebe, “ok, não consigo entender isso sem ir a esses outros lugares”. E, como você sabe, o projeto continuou se expandindo. Bem, um dia pessoas como você vão me deixar parar [risadas].

Devo acrescentar uma outra coisa. Nos anos [19]90, o Zimbábue era um lugar realmente bom para fazer pesquisa. Quero dizer, as pessoas hoje podem pensar, “Ah, o Zimbábue é um caso perdido, Mugabe é um ditador” – [mas] nem sempre foi um caso perdido. Havia arquivos muito, muito bons e uma relativamente boa liberdade de expressão. Havia jornais independentes e você podia publicar em vários lugares para obter opiniões críticas. Portanto, é um erro olhar para o Zimbábue hoje, e ver como as coisas estão ruins, e pensar que era assim antes. Na verdade, era um lugar muito bom. E até para mim na universidade. Bem, acho que as pessoas ficavam um pouco constrangidas com o que eu estava fazendo, mas não me oprimiram. Até recebi dinheiro da Universidade do Zimbábue para fazer pesquisas, sabe? Então era um bom lugar para fazer esse tipo de trabalho naquela época.

Seu livro *Hungochani* (2004) é uma contribuição monumental para a história da sexualidade dissidente na África Austral, e talvez um dos trabalhos mais citados em nosso campo. Não apenas devido à quantidade e qualidade dos dados, mas também porque você foi além de uma abordagem funcionalista (e das explicações *faute de mieux* para as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas minas). Na minha opinião, você foi mais sensível e acurado (do que era usual naquele tempo) em perceber pelo menos alguns desejos e afetos naquelas relações entre os mineiros. Além disso, através do seu livro, é possível não apenas aprender sobre uma história do homoerotismo na região e seu vocabulário, mas também reflexões valiosas e úteis sobre as potencialidades e dilemas de uma historiografia queer. Por exemplo, você nos alerta que devemos “constantemente contextualizar e historicizar da

forma mais precisa possível palavras como ‘sexo’, ‘homem’, ‘mulher’, e até como os verbos ‘ser/estar’ e ‘ter’ significariam para as pessoas que os empregavam”. Você tem um exemplo concreto desse tipo de má tradução? Você teria algumas dicas metodológicas para resolver isso? Que tipos de fontes ajudariam a realizar essa tarefa?

Marc: Certo. Então, “o que estava na minha mente à época?” Era o julgamento de impeachment do Bill Clinton por ter feito sexo com a Monica Lewinsky. Ele foi questionado com uma pergunta direta, algo como “você fez sexo?” E ele basicamente respondeu que não. Mas isso porque ele tinha uma definição conveniente do que sexo significava, e isso não incluiria sexo oral. Em algum momento, ele até disse, “Bem, depende do que você está querendo dizer com ‘sexo’”. Super legalista. Eu pensava nisso enquanto estava lendo os testemunhos. Às vezes sentia que como pesquisador, eu também estava entendendo de outra forma. Um exemplo: uma das pessoas que depôs naquele caso de 1907 sobre os “vícios contra a natureza”, que eu não conhecia na época, tornou-se depois um intelectual público muito importante. No documento, ele era apenas descrito como um garoto-chefe. Quando eu li, à época, me ocorreu algo como, “ok, ele é uma das pessoas que frequentemente são acusadas de abuso de poder” e eu interpretei suas palavras como culpando os africanos de Moçambique para desviar a atenção da sua própria gente, se não dele mesmo. Mas quando eu reli tudo anos depois, notando que não houve um único escândalo público envolvendo-o ao longo de sua vida aparentemente ilibada, eu me dei conta que, com quase toda certeza, ele não estava fazendo isso. Outros eram, mas provavelmente ele estava sendo sincero. É uma forma longa de dizer que, sim, você precisa tentar entender o contexto para entender os significados das palavras específicas que uma pessoa escolhe dizer. O que obviamente é amplificado mil vezes quando as traduções entram em jogo.

Meu livro *Heterossexual Africa?* (2008) é exatamente sobre isso, uma genealogia de uma ideia e como as palavras, incluindo eufemismos e silêncios estratégicos, mudaram ao longo do tempo através de diferentes discursos profissionais, artísticos e populares. Vou dar só um exemplo: Eu fui a uma conferência uma vez e eles me pediram para falar sobre essa afirmação de

que “a homossexualidade é não-africana” [*homosexuality is un-African*]. E eu pensei sobre isso. “Ok, há três palavras e acho que quatro delas estão erradas” [risadas]. Cada palavra tem vários significados. “É”... Então você quer dizer “agora”. Mas e ontem? E amanhã? Então, apenas usando esse tempo verbal, você está confundindo a mente das pessoas, porque você está apagando a história e reivindicando o futuro. E como algo pode ser não-africano [*un-African*] sem uma definição do que é a África? Como você pode negar algo a uma área geográfica? E o que você quer dizer com “homossexualidade”? Isso inclui pessoas trans? Bissexuais? Masturbação conjunta? Então desvendar essas agendas ocultas é algo, sabe, divertido. [risadas]

Você se envolveu em novas reflexões sobre metodologia em seu livro mais recente (em coautoria com o também historiador Iain Edwards). Uma das lições contidas nele é sobre a fluidez da linguagem e como o vocabulário pode aparecer e desaparecer ao longo da história. Ter consciência disso, parece-me, é particularmente importante para evitar orientalismos ingênuos ou nativismos ingênuos que olhariam para uma dada língua (em seu estado atual) em busca de verdades pré-coloniais, ontológicas e essencialistas sobre uma dada cultura ou sociedade. A outra lição que você nos ofereceu é esta, a de estar ciente da dinâmica das relações de poder que existiam nos julgamentos de sodomia que você analisou e no processo posterior de escrever sobre esses julgamentos. Mas minha curiosidade metodológica agora é outra. Neste novo livro, seu coautor Iain Edwards escreveu o seguinte: “As longas narrativas de Angel e Mqenge⁷ contêm muito pouca ou nenhuma referência a questões históricas de qualquer tipo. Parecia que nenhum dos dois estava de forma alguma muito preocupados com a história.” Com base em minha própria experiência etnográfica em dois países africanos, posso dizer que a maioria dos meus interlocutores *queer* não estava interessada em buscar ancestrais *queer* para legitimar suas identidades sexuais atuais. Nem mesmo aqueles que insistiam em se posicionar dentro de uma linhagem de prestígio. Por exemplo, um interlocutor meu de Moçambique, gay, que

⁷ Angel e Mqenge são dois interlocutores da pesquisa de Iain Edwards.

sempre enfatizou a figura de seu falecido pai⁸ e reivindicava a herança de sua personalidade, nunca atribuiu sua identidade queer a quaisquer ancestrais ou figuras *queer* na história de Moçambique ou do povo Machangana. Nem mesmo por motivos políticos. Então, minhas perguntas são, primeiro: a busca por ancestrais *queer* é uma ansiedade ocidental?⁹ Segundo: No passado recente, a historicização foi prescrita como um antídoto para o presentismo etnográfico (e essencialismo). Em tempos decoloniais, seria um erro metodológico?

Marc: Sim, essa é uma grande questão. E acho que tenho que dizer que, quando comecei, eu tinha um pensamento bastante ingênuo: você publica as evidências, e as pessoas veriam e “Oh, [por causa dessas evidências] eu vou mudar minhas opiniões.” [risadas]. Totalmente ingênuo! Mas superei isso bem rápido. Portanto, concordo com você, até certo ponto, as pessoas que entrevistamos não estão tão interessadas no passado quanto nós, estudiosos vindos do Ocidente. Mas isso também se aplica aqui ao Ocidente. A maneira como penso agora sobre isso é que a boa história é como instalar um bom sistema de esgoto. Ou seja, poucos vão necessariamente ver ou valorizar na hora. Mas com o tempo, eles começarão a apreciar isso: “Ei, estamos mais saudáveis agora”. Enfim, esta não é uma metáfora muito boa, mas funciona se você imaginar que o esgoto é a manipulação demagógica do passado para fazer propaganda política, e que isso está deixando as pessoas doentes. Então se você instalar um bom sistema sanitário, será mais difícil para os poluidores se safarem impunes. Isso faz sentido?

Sim...

⁸ Seu pai era um general do exército anticolonial da FRELIMO que, após a morte, continua atuando no mundo dos vivos.

⁹ Um caso contemporâneo exemplar desse tipo de ansiedade ocidental é o do resgate recente da figura histórica de Alexander Wood como ‘pioneiro gay’, ainda no século XVIII, no contexto urbano da então cidade de York (hoje Toronto, no Canadá). Erguida sua estátua no bairro LGBTQ da cidade em 2005, ela foi derrubada em 2022, após críticas de que o ‘pioneiro gay’ era também alguém que contribuiu para implantar e impor o perverso sistema educacional cristão sobre os indígenas. Agradeço ao historiador Steven Maynard, da Queen’s University, o compartilhamento deste caso.

Fonte: <https://www.thestar.com/news/gta/2022/04/05/removal-of-church-streets-alexander-wood-statue-in-near-secrecy-welcome-but-complicated.html> Acesso em: 10 mar. 2023.

Marc: Por que outro motivo os autoritários de todos os lugares tentariam suprimir o pensamento histórico? Eles estão proibindo livros sobre a história do racismo nos Estados Unidos enquanto conversamos. Mas estou otimista de que o oposto está acontecendo [também], como aqui no Canadá. Quando eu cresci era dado como certo que os indígenas desapareciam. E isso era simplesmente parte da história normal do progresso. Diziam que “as pessoas realmente importantes, o homem branco, não eram pessoas más, é apenas pela superioridade de sua civilização que os indígenas desapareceram”. Esse era o tipo de esgoto que tínhamos naquela época. Agora, os historiadores produziram mais informações, algo que os ativistas indígenas vêm demandando desde sempre. Nas escolas agora, os estudantes estão aprendendo que a velha narrativa não era verdadeira. Assim, o melhor saneamento está ajudando a construir uma sociedade melhor. Ainda não é o ideal, mas dez anos atrás, se você perguntasse aos alunos da *Queen’s University* quem são os indígenas daqui, quase nenhum seria capaz de dizer Haudenosaunee e Anishinaabe. Mas agora esse conhecimento está em toda parte.

Há outro problema, no entanto. Alguns dos grupos ativistas estão procurando boias de salvação, para dizer, “somos queer, e nós sempre estivemos aqui”. E eles estão procurando por grandes figuras públicas que possam tirar da prateleira para provar isso. Alguém como Mwanga II de Uganda no final do século 19... Ele é citado o tempo todo como uma espécie de ícone gay.¹⁰ Mas ele não se encaixa muito bem se estivermos falando sobre uma agenda de direitos humanos para 2023. Ele teve, o quê, 18 esposas ou algo assim e manda matar pessoas em massa quando está revoltado. Então você realmente quer tomar isso como um modelo de cidadania?

Eu acredito que é importante resistir a esse tipo de ímpeto de procurar por boias de salvação. Isso significa não apenas colocar nosso trabalho no formato

¹⁰ Mwanga II foi o rei de Uganda no final do século XIX. Acusado de abusar sexualmente dos pajens cristãos de sua corte, Mwanga assassinou-os quando estes resistiram em manter relações sexuais com ele, tornando-os posteriormente conhecidos pela tradição católica como os “mártires de Uganda”. Intepretações sobre essa história podem ser encontradas em diversas obras, tais como *Out of Time* (Rao, 2020) e *Decolonizing homosexuality in Uganda as a human right's process* (Tushabe, 2013).

acadêmico, mas levar as principais descobertas a lugares específicos onde elas possam provocar esse saneamento. Os grupos ativistas são um caminho a seguir. Não é fácil, mas se o trabalho pode dar a eles mais confiança para dizer as coisas com a modéstia e nuances necessárias para serem eficazes a longo prazo, então essa deve ser a prioridade. Porque, no caso do Zimbábue, muitas pessoas não estavam confiantes em dizer “estamos aqui desde sempre”. Elas assumiram que isso era [algo advindo] das escolas da missão e que, portanto, vinha dos brancos. Meu objetivo ao trabalhar com a GALZ era mostrar a elas que não era o caso. Na verdade, há todas essas tradições que as pessoas não conheciam ou haviam esquecido. Por exemplo, todo mundo conhece o Ubuntu, que significa que o coletivo tem direitos sobre o indivíduo. Muitas pessoas entendem que isso significa que você não pode escolher individualmente não ter filhos, pois isso vai contra as necessidades da linhagem, [e] os direitos da aldeia. Mas agora os defensores dos direitos humanos podem dizer: “Ah, mas Ubuntu também significava dignidade, respeito pelos outros e cuidar da sua própria vida se não estou causando danos a ninguém”. [Façamos isso] para que uma compreensão mais sutil as capacite a permanecer firmes contra pessoas que usarão ideias simplistas sobre cultura e história para esmagá-los. Essa é a minha esperança. Obtenha as evidências para os grupos ativistas de maneiras que sejam úteis para eles. E então, otimistamente, isso pode eventualmente penetrar no sistema educacional e na mídia. Claro que você tem que escolher suas batalhas e ser paciente.

Tendo em vista que o projeto científico de provar que o homoerotismo existia na África antes mesmo dos colonialismos árabe, europeu e asiático parece – graças a pesquisadores como você – relativamente consolidado neste momento histórico (pelo menos no meio acadêmico), como você vê os próximos desdobramentos neste campo de investigação? Quais são as tendências atuais e os pontos cegos remanescentes?

Marc: Sim, concordo que no nível do discurso acadêmico, essa batalha foi vencida. Talvez não em alguns cantos do mundo [risadas], mas mesmo lá está entrando em instâncias governamentais que estão fora do radar político, às vezes por motivos puramente práticos ou de custo (um exemplo:

preservativos nas prisões são mais baratos do que um suprimento vitalício de medicamentos antirretrovirais).

Então, qual é o próximo passo? Que tal trazer as pessoas para o debate, fora da academia, e esquecer os políticos por enquanto? Você pode focar em aspectos da cultura popular. E acho que um dos argumentos que tive em *Hungochani* (2004) foi o de que a cultura popular não é tão homofóbica quanto os líderes políticos e religiosos querem que você acredite que seja. E que é possível trazer as próprias pessoas LGBT para o centro dos debates através de apelos à humanidade compartilhada na cultura popular. Estamos vendo isso agora na literatura, no cinema e na música africanas. E isso reduzirá o espaço para esses políticos e líderes religiosos promoverem esse ódio. Então eu acho que um dos caminhos a seguir é facilitar para que as pessoas LGBTIQ contem suas histórias. E nem todas são histórias de desgraça e melancolia, na verdade. Há muitas histórias de triunfo e beleza e amor e amizade, e...

e prazer...

Marc: Prazer... todas essas coisas boas. Fé, espiritualidade. Há toda uma gama de coisas humanas, né? E simplesmente divulgando as histórias e se infiltrando na mídia popular, acho que está fazendo a diferença. Sei que as pessoas reclamaram que sou um pouco otimista demais; e não pretendo, de forma alguma, questionar o quão horrível é para muitas pessoas. Mas, de vez em quando, você consegue ver e mensurar a mudança acontecendo. Por exemplo, na Nigéria, houve uma grande mudança nas pesquisas de opinião pública nos últimos anos, de 99% contra a homossexualidade – o que quer que isso signifique na cabeça das pessoas... Agora é muito menos, especialmente entre os mais jovens. Eles estão conectados ao mundo e de maneiras que não existiam antes.

Há um ótimo livro do Adriaan Van Klinken (2019) – e eu não deveria promover apenas uma pessoa, mas acho que ele está mostrando um caminho a seguir. Este foi um projeto muito interessante de perguntar aos refugiados ugandenses no Quênia como eles podem tornar a vida melhor para si mesmos. “Primeiro vamos fazer um workshop para descobrir quais são as

coisas mais ofensivas do Alcorão ou da Bíblia, que são homofóbicas e realmente incomodam você, cristão ou muçulmano”. E eles conversavam sobre isso e sobre porque realmente queriam ser cristãos ou muçulmanos. “Ora, [por que continuar] se é a pregação que te odeia?” [Então as pessoas respondiam] “Bem, há essas outras coisas que recebo desses textos.” E então eles criaram peças baseadas em suas próprias leituras de algumas das mesmas histórias dolorosas, mas eles as inverteram e as tornaram emancipadoras e empoderadoras. E então eles representaram isso como uma peça de teatro. Está no YouTube, está por aí, né?”¹¹ Então esse tipo de coisa está circulando, mostrando que mesmo nas situações mais horríveis de ser um refugiado, e rejeitado por sua família e igreja, as pessoas ainda estão fazendo uma vida melhor para si mesmas, e construindo amizades, etcetera.

Para mim, esse tipo de pesquisa humaniza o que de outra forma a oposição quer demonizar, às vezes, literalmente. Fica mais difícil manter essa narrativa demonizante quando você pode ver que são pessoas reais. Ainda pode haver demonização, obviamente, não sou ingênuo quanto a isso. Mas quanto mais está em praça pública – incluindo o discurso global – melhor. O discurso global mudou tremendamente na última década. É completamente normal ver homens se beijando agora na TV de muitos países, não apenas no Planeta Hollywood. Não havia isso quando eu estava crescendo. Era inconcebível. Agora sai por aí. Acho que o Brasil também produz um pouco disso, e é consumido na África.

Sim...

Quanto aos pontos cegos de pesquisa que precisam ser abordados... Bem, o campo ainda é fortemente dominado pelos sul-africanos, especialmente os anglófonos. Eu aprecio muito o trabalho que você está fazendo para trazer a África Lusófona para a conversa (Miguel, 2019). Mas e quanto ao mundo arabófono? Há todos os tipos de fontes, fontes documentais em escrita árabe,

¹¹ “Daniel in the Homophobic Lion’s Den” and “Jesus and the Guys Charged with Indecency,” <https://sacredqueerstories.leeds.ac.uk/films/daniel-in-the-homophobic-lions-den/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

como no norte da Nigéria, que remontam a centenas de anos. E o suaíli?¹² E o amárico?¹³ Portanto, há todos os tipos de fontes que ainda não foram consultadas e, claro, países ou cidades específicas onde isso nunca foi levantado antes. Kinshasa vai ser uma das maiores cidades do mundo em breve. O que está acontecendo lá?

Além disso, existe uma série de novas técnicas interessantes para fazer as pessoas falarem. Essa dimensão tornou-se visível para mim em um recente projeto de saúde pública na zona rural de Kwazulu-Natal, África do Sul (Epprecht e Mngoma 2022). Todos achavam que o lugar era muito conservador, com chefes e tudo mais, muito rural, subdesenvolvido. Mas então alguns colegas meus aqui da *Queen's University* estavam fazendo pesquisas sobre HIV usando uma nova tecnologia. Com o mesmo consentimento total e informado usado nos grupos focais públicos e nas entrevistas individuais, as pessoas neste projeto falavam sozinhas ao microfone. De alguma forma isso deu às pessoas confiança para falar sem medo de julgamento ou vergonha. O que as pessoas revelaram foi então radicalmente diferente de tudo o que saiu usando métodos convencionais. “Oh, meu Deus, você vê quantos rapazes admitiram que sua primeira experiência sexual foi com outro homem ou menino?” Então, precisamos sair e acompanhar essas coisas. O que estou dizendo é que foi a tecnologia, a nova tecnologia, que permitiu esse tipo de saída do armário. Como se viu, naquele caso, os que deram provas da [eficiência da] tecnologia não estavam dispostos a falar com seres humanos. Mas eles diziam: “Ok, eu conheço alguém que é *realmente* assim e que pode falar com você”. Portanto, o estudo de acompanhamento foi feito com um conjunto diferente de pessoas. Ainda assim, é realmente interessante como novas tecnologias, novas formas de fazer perguntas podem superar o estigma, ou presunções de estigma, para produzir resultados surpreendentes.

¹² Fruto de milenar troca cultural entre árabes e africanos, o Suaíli é a língua nativa de diversos grupos que habitaram e habitam a costa leste do continente.

¹³ Amárico é uma língua camito-semítica do tronco das línguas afro-asiáticas. É o idioma oficial da Etiópia, com cerca de 21 milhões de falantes.

Marc, estamos nos encaminhando para o fim, há algum tema ou ideia que não conversamos a respeito e que você gostaria de partilhar com o público lusófono?

Marc: Bem, deixe-me não ser muito pretensioso. Devo dizer que é interessante que você não tenha me perguntado sobre a “teoria queer”, sobre a qual sou ambivalente. Então eu mesmo vou dizer ao seu público: faça o que você tem que fazer, se isso te ajudar a romper com as normas hegemônicas opressivas, silêncios etc., e nos ajudar a imaginar um mundo melhor. Eu diria apenas para garantir que *queerizemos*¹⁴ todo o paradigma antropomórfico, não apenas gênero e sexualidade. Com isso, quero dizer que trazer o meio ambiente para isso é realmente crucial neste ponto da história. É para onde tenho tentado chegar nos últimos anos (Epprecht, 2016). E observo que seu presidente – seu antigo/novo presidente – também colocou isso no topo da agenda, em consulta com os povos indígenas. Acho que há uma continuidade do que temos falado sobre gênero e sexualidade e trazendo vozes indígenas sobre o meio ambiente. Para mim, esse é o próximo passo à frente, mas, novamente, é interseccional. Essas coisas não podem ser agrupadas em pacotes organizados, o que tendemos a fazer no modo ocidental de conhecer as coisas. Veja quais são as conexões e quais são as implicações ambientais para esta forma particular de gênero e relacionamento sexual que você está pesquisando e vice-versa. Não que seja claro, óbvio ou estável, mas é bom manter isso na agenda porque, obviamente, estamos em tempos difíceis.

Faz sentido?

¹⁴ O autor usa o verbo “to queer”, que em termos genéricos seria “estranhar”. Aqui, ganha um sentido específico, pois deriva das concepções da Teoria Queer sobre a performatividade dos sujeitos dissidentes sexuais e de gênero como potencialidade de contestação das normas.

Referências Bibliográficas

CHIANG, H. (ed.). **Global Encyclopedia of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer (LGBTQ) History**. New York: Charles Scribner's Sons, 2019.

EDWARDS, I.; EPPRECHT, M. **Working Class Homosexuality in South African History**. Cape Town: HSRC Press, 2020.

EPPRECHT, M. **Women, Class and Politics in Colonial Lesotho, 1930-1965**. Ph.D. thesis, Dalhousie University, 1992. Disponível em: <https://dalspace.library.dal.ca/handle/10222/55320>

EPPRECHT, M. The 'Unsayings' of Indigenous Homosexualities in Zimbabwe: Mapping a Blindspot in an African Masculinity. **Journal of Southern African Studies**, Vol. 24, No. 4, Dec., 1998, pp. 631-651. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2637467>.

EPPRECHT, M. **"This Matter of Women Is Getting Bad"**: Gender, Development and Politics in Colonial Lesotho. Pietermaritzburg: University of Natal Press, 2000.

EPPRECHT, M. 'Good God Almighty, What's This!': Homosexual 'Crime' in Early Colonial Zimbabwe. In: **Boy-Wives and Female Husbands: Studies of African Homosexualities**, pp. 197-221, 2001. New York: Palgrave. Disponível em: <https://soar.suny.edu/handle/20.500.12648/1714>.

EPPRECHT, M. **Hungochani: The History Of A Dissident Sexuality In Southern Africa**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2004.

EPPRECHT, M. **Heterosexual Africa?** The History of an Idea from the Age of Exploration to the Age of Aids. Ohio: University Press, 2008.

EPPRECHT, M. "The Making of 'African Sexuality': Early Sources, Current Debates." **History Compass**. 8 (8), pp. 768-79, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1478-0542.2010.00715.x>.

EPPRECHT, M. **Sex in the Archives: A Guide to the Major Documentary Source on the Early Modern History of Male-Male Sexuality in Zimbabwe**. 2022. Disponível em: <https://gala.co.za/sex-in-the-archives-marc-epprecht/>

EPPRECHT, M.; MNGOMA, N. 2022. "Negotiating Sexual and Gender Diversity in Rural and Peri-Urban KwaZulu-Natal, South Africa." **Culture, Health & Sexuality**. 0 (0), pp. 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2022.2055793>.

MIGUEL, F. **Maríyarapáxjis: Silêncio, exogenia e tolerância nos processos de institucionalização das homossexualidades masculinas no sul de Moçambique**; 2019; Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38350>.

MIGUEL, F.; MUGABE, N. A. 2021. Introdução Ao Dossiê 'Sexualidades e Suas Repercussões Sociais Em Contextos Africanos'. **Anuário Antropológico**. v.46, n.2, pp. 27-35. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.8314>.

RAO, R. **Out of Time:** The Queer Politics of Postcoloniality. New York: Oxford University Press, 2020.

TUSHABE, C. Decolonizing Homosexuality in Uganda as a Human Right's Process. In: FALOLA, N.; AMPONSAH, N. A. (eds.) **Women, Gender, and Sexualities in Africa.** Durham: Carolina Academic Press, 2013. p. 147-54.

VAN KLINKEN, A. **Kenyan, Christian, Queer:** Religion, LGBT Activism, and Arts of Resistance in Africa. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2019.